



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Associações entre a relação coparental e as práticas parentais do pai: O papel mediador do *stress* parental.

Marta Isabel Freitas Vasconcelos

Mestrado em Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientador(a):

Doutora Lígia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador(a):

Doutora Cláudia Sofia Dinis Camilo, Professora Auxiliar Convidada,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2024

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Associações entre a relação coparental e as práticas parentais do pai: O papel mediador do *stress* parental.

Marta Isabel Freitas Vasconcelos

Mestrado em Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientador(a):

Doutora Lígia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador(a):

Doutora Cláudia Sofia Dinis Camilo, Professora Auxiliar Convidada,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2024

Para o meu “eu” adolescente

Agradecimento

Primeiramente gostaria de agradecer à Professora Lígia Monteiro e à Professora Cláudia Camilo. Muito obrigada por todos os ensinamentos, por toda a paciência, compreensão, apoio e encorajamento ao longo de todo este processo.

À minha mãe e irmã, que sempre me apoiaram neste percurso, por mesmo à distância terem estado sempre perto e disponíveis para me ouvir. Obrigada pela vossa paciência e por todo o amor e carinho, por me terem acompanhado nesta conquista e em todas as outras. A ti mãe, por seres uma inspiração como pessoa e mulher e por me ensinares que posso ser quem eu quiser.

A ti Carolina, por seres a melhor parceira, por me acompanhares e auxiliares nesta jornada. Obrigada por todos os momentos bonitos e de brincadeira, obrigada por todos os cafés, obrigada por estares aqui e por me encorajares sempre, o teu apoio foi crucial. Obrigada.

À Marta e à Lídia, por terem tornado Lisboa a minha casa nos momentos mais complicados, obrigada por todos os passeios, memórias, crises existenciais resolvidas, palavras de apoio e encorajamento. A ti Marta, por seres uma peça fundamental na minha vida, estou-te grata por tudo.

Este percurso em psicologia não poderia ter sido feito sem ti Beatriz, obrigada por seres a minha parceira de curso e por todos os momentos que partilhamos estes últimos 5 anos, não poderia estar mais orgulhosa de nós.

Um agradecimento especial à Nala e à sua patinha do apoio emocional.

Por fim, gostaria ainda de agradecer a todas as escolas e instituições que, ao longo deste percurso, se demonstraram recetivas e contribuíram para a realização deste trabalho.

Resumo

O presente estudo visa contribuir para o estudo da parentalidade, com particular enfoque no pai, considerando diferentes níveis de variáveis (individuais e contextuais). Analisaram-se as relações entre a qualidade da relação coparental, na perspectiva do pai, e as suas práticas parentais, testando-se o papel mediador do *stress* parental. Participaram neste estudo 98 pais casados ou em união de facto, com crianças em idade pré-escolar. Testou-se um modelo de mediação de forma a explorar o papel mediador das diferentes dimensões do *stress* parental na relação entre o suporte e a sabotagem coparental e as práticas parentais de cuidado e de restritividade, controlando para o efeito do número de horas de trabalho do pai e rendimento familiar. Relativamente aos resultados, obteve-se um efeito indireto significativo do suporte coparental nas práticas parentais de cuidado via satisfação parental, sugerindo que mais suporte coparental está associado a maior satisfação parental do pai, o que por sua vez leva a mais práticas de cuidado do pai. Verificaram-se, ainda, efeitos diretos significativos entre a sabotagem e o suporte coparental e os stressores parentais e falta de controlo, assim como da sabotagem coparental nas práticas parentais de cuidado. Estes resultados contribuem para a discussão sobre o papel do pai, salientando a importância da coparentalidade no exercício da paternidade.

Palavras-Chave: Coparentalidade, Práticas Parentais, Stress Parental, Parentalidade.

2950 Marriage & Family

2956 Childrearing & Child Care

Abstract

This study aims to contribute to the study of parenting, with a particular emphasis on fathering, considering variables at both individual and contextual levels. The relationship between the quality of the coparenting relationship, from the father's perspective and his childrearing practices was analysed, testing the mediating role of parental stress. Ninety-eight married or cohabiting fathers with pre-school children participated in this study. A mediation model was tested in order to explore the mediating role of the different dimensions of parental stress in the relationship between coparental support and sabotage and responsiveness and restrictive parenting practices, controlling for father's working hours and family income. The findings revealed a significant indirect effect of coparental support on responsiveness parental practices via parental satisfaction, suggesting that more coparental support is associated with more parental satisfaction, which in turn leads to more fathers' responsiveness practices. Additionally, there were significant direct effects between coparental sabotage and support and parental stressors and lack of control, as well as an effect of coparental sabotage on responsiveness parental practices. These results contribute to the discussion on the role of fathers, highlighting the importance of coparenting in the exercise of fatherhood.

Keywords: Coparenting, Parental Practices, Parental Stress, Parenting.

Índice

Agradecimento	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Capítulo 1. Introdução	1
Capítulo 2. Estado da Arte	3
2.1. A Parentalidade: Modelos Explicativos	3
2.2. Relações de Coparentalidade: O Modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade	6
2.3. Estilos e Práticas Parentais	9
2.4. Coparentalidade e Práticas Parentais	10
2.5. O papel do <i>Stress</i> Parental na relação entre a Coparentalidade e as Práticas Parentais	11
2.6. Objetivos	14
Capítulo 3. Método	15
3.1. Participantes	15
3.2. Instrumentos	15
3.3. Procedimentos	17
3.4. Estratégia analítica	17
Capítulo 4. Resultados	19
Capítulo 5. Discussão	25
5.1. Limitações e Estudos Futuros	27
5.2. Relevância do Estudo e Implicações para a Prática	29
Referências	33

CAPÍTULO 1

Introdução

A convenção dos Direitos da Criança (ONU/UNICEF, 1990) declara, no artigo 27º, que é da responsabilidade parental e de outros cuidadores assegurar, dentro das suas capacidades financeiras e competências, as condições de vida necessárias a um desenvolvimento saudável da criança. A parentalidade é tida como uma das tarefas mais complexas e desafiadoras que os adultos desempenham, ocorrendo num contexto ecológico complexo e diversificado, que na realidade é pouco espelhado na literatura pelo foco maioritário em amostras norte-americanas e europeias (centro/norte), assim como, de estatuto socioeconómico médio-alto, ou caucasianas. A tal acresce que durante décadas o foco dos investigadores se centrou, essencialmente, na figura materna (Cabrera et al., 2018; Diniz et al., 2021).

Enquadrado a um nível macrossistémico (Bronfenbrenner, 2000), a parentalidade e, de modo geral, os papéis de homens e mulheres foram e continuam a ser impactados por mudanças socioeconómicas e políticas, onde frequentemente se destaca a participação massiva da mulher no mundo do trabalho (Cabrera et al., 2000). Com o aumento das famílias de duplo rendimento, e com a mulher a acumular responsabilidades dentro e fora do sistema familiar, surgem novas expectativas face ao papel do homem/pai e do seu envolvimento nos cuidados e educação da criança, assim como expectativas de um maior investimento emocional (Pleck, 2010). No contexto europeu, Portugal tem uma das percentagens mais elevadas de mulheres a trabalhar, a tempo inteiro, e com crianças com idades inferiores aos 6 anos (e.g., Aboim, 2010; Eurostar, 2020), pelo que se tem assistido a um investimento em políticas de família, nomeadamente, ao nível da licença parental. Estas apontam para a promoção do modelo de trabalho de ambos os progenitores, e de um envolvimento do pai desde os primeiros tempos de vida (Aboim, 2010; Marques et al., 2021). No entanto, a realidade é mais complexa com a coexistência de modelos mais tradicionais e modernos. Se, por um lado, existe uma perceção igualitária da mulher no mundo do trabalho e do papel do homem no sistema familiar, por outro o homem, em muitos casos, ainda mantém o papel central de provedor financeiro (Amâncio & Santos, 2021). Espera-se que este maior envolvimento do pai no sistema familiar e, em particular, nos cuidados às crianças, desde os primeiros tempos de vida, tenha implicações próprias na dinâmica da relação pai-filho e desenvolvimento saudável da criança (e.g., Cabrera et al., 2018). No entanto, há que considerar a diversidade de contextos, pensando que e.g., os desafios à parentalidade são mais acentuados em contextos desfavorecidos, nos quais os pais continuam a ser vistos como

ausentes, ou pouco envolvidos na vida dos seus filhos (e.g., Cabrera et al., 2018). Assim, torna-se relevante um olhar sobre a paternidade, considerando variáveis individuais, do sistema familiar, e controlando indicadores socioeconómicos, como as habilitações dos pais e o rendimento familiar, procurando compreender de que modo a perceção da relação de coparentalidade tem impacto nas práticas parentais, e qual o papel do *stress* parental nesta relação.

Estado da Arte

2.1. A Parentalidade: Modelos Explicativos

A parentalidade pode ser definida como o conjunto de interações recíprocas que envolve diversas dimensões como o suporte emocional ou as práticas de cuidado à criança (Holden, 2010), visando assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento saudável da mesma (Hoghugh, 2004), assim como a sua socialização e progressiva autonomia (Maccoby, 2000), num ambiente seguro (Reader et al., 2005). Embora os objetivos da parentalidade possam ser considerados universais, as conceções e práticas da parentalidade são influenciadas pelo contexto cultural (Holden, 2010), nomeadamente, ao nível das dinâmicas interpessoais e objetivos de socialização (Keller et al., 2005). Diversos modelos têm procurado explicar a parentalidade, considerando o contexto político-económico e cultural em que esta ocorre (e.g., Belsky, 1984; Cabrera et al., 2014; Chandry & Winder, 2016).

De entre estes modelos, o Modelo dos Determinantes da Parentalidade de Belsky (1984) é um dos mais amplamente utilizados, perspetivando a parentalidade como sendo determinada por diversos fatores: i) as características individuais, consideradas recursos pessoais e psicológicos dos pais, como por exemplo o seu bem-estar psicológico, as perceções que têm relativas ao seu papel parental e a sua história desenvolvimental; ii) as variáveis contextuais, consideradas como fontes de *stress* ou suporte, nomeadamente a relação conjugal, o suporte social e o trabalho; iii) as características da criança, por exemplo, o seu temperamento. Mais recentemente, o modelo foi atualizado por Taraban e Shaw (2018), passando a incluir moderações e interações simultâneas entre os diferentes domínios e fatores inerentes, como as características dos pais, o ambiente social e familiar e as características da criança. Amplia, ainda, o estudo da parentalidade ao envolvimento do pai e introduzi o estatuto socioeconómico (ESE) como uma variável impactante na parentalidade.

O Modelo do *Stress* Familiar (Chaudry & Wimer, 2016) coloca particular enfoque na dimensão económica do ESE, englobando a fonte dos materiais, como alimentação, vestuário ou habitação (Coleman, 1988). O ESE engloba, ainda, a dimensão humana, composta por recursos não materiais, como conhecimento e sendo medida através das habilitações literárias dos pais; e a dimensão social que se define como a conexão dos indivíduos ao seu grupo social e a transmissão de valores inerentes (Coleman, 1988). Este modelo, procura compreender a

influência da dimensão económica no sistema familiar, nas práticas parentais e no ajustamento de crianças e adolescentes, nomeadamente, como as dificuldades económicas conduzem a um aumento da pressão económica sobre a família, e afetam o funcionamento individual e do sistema familiar (Conger & Donnellan, 2007). A pressão económica, que inclui necessidades materiais como a alimentação e o vestuário, a incapacidade de pagar contas, de responder aos compromissos financeiros e o ter de cortar em despesas básicas, como cuidados médicos, conduz a longo prazo a que as dificuldades económicas ganhem um significado psicológico (Conger et al. 2002). Na presença de uma elevada pressão económica existe maior risco de problemáticas ao nível da saúde mental dos cuidadores (e.g., depressão e ansiedade) (Conger et al. 2002; Neppl et al., 2016), e de problemáticas comportamentais (e.g., abuso de substâncias) (Conger et al., 2002). Estas dificuldades encontram-se associadas ao aumento do conflito parental e à baixa qualidade na relação do casal, com consequências para uma baixa parentalidade afetiva e envolvida (Neppl et al., 2016). Em termos de resultados para as crianças, encontram-se relações com o aumento de problemas de internalização (e.g. sintomas de depressão e ansiedade) e externalização (e.g., comportamentos antissociais e agressivos), em particular quando a pobreza é severa ou persistente (Chaudry & Wimer, 2016).

Apesar da existência de diversos modelos explicativos, relativos à parentalidade, são escassos os que se focam no pai e na relação pai-filho. Efetivamente, os pais têm sido um elemento da parentalidade negligenciado, sendo vistos, essencialmente, como cuidadores secundários ou provedores económicos (Cabrera et al., 2014). De modo a colmatar esta lacuna, e criar uma abordagem integradora para o estudo da paternidade, Cabrera e colaboradores (2014) propõem o Modelo Expandido da Ecologia da Relação Pai-Filhos, que assume as semelhanças e diferenças nas relações mãe-criança e pai-criança. A relação pai-criança envolve processos recíprocos, que evoluem ao longo do tempo, representando-se neste modelo as conceptualizações das ações que afetam a qualidade e quantidade de efeitos que o pai tem no desenvolvimento da criança. Numa perspetiva ecológica, considera ainda a influência de múltiplos níveis e sistemas que podem afetar a relação pai/filho e as trajetórias desenvolvimentais da criança. São, assim, consideradas múltiplas variáveis desde o individual (e.g., a personalidade, a história de desenvolvimento, ou a educação), ao sistema familiar (e.g., a coparentalidade), ao trabalho e contexto socioeconómico e cultural, nos quais a família se encontra inserida.

Ao nível individual, um dos aspetos considerados por este modelo (Cabrera et al., 2014) é a educação. Castillo e colaboradores (2013) verificaram que um nível mais elevado de

habilitações literárias dos pais estava associado a um maior envolvimento do mesmo, em atividades de brincadeira. Tal, também, se verifica em amostras portuguesas, onde pais com maiores habilitações tendem a estar mais envolvidos em atividades de cuidado, de brincar e ensino/disciplina (Monteiro et al., 2017; Monteiro et al., 2019; Santos et al., 2021; Santos et al., 2022; Santos & Monteiro, 2023). Contrariamente, Kato-Wallace e colaboradores (2014), verificaram que pais com habilitações mais baixas se encontravam mais envolvidos nos cuidados e na brincadeira com as suas crianças. A idade do pai é outra variável considerada, uma revisão sistemática de literatura recente de Diniz e colaboradores (2021), encontrou resultados dispare, se por um lado estudos reportam que pai mais velhos estão mais envolvidos (e.g., Castillo et al., 2011; Ishii-Kuntz, 2013), outros estudos verificam que pais mais novos estavam mais envolvidos em cuidados diretos (e.g., Castillo et al., 2013), e que pais mais velhos estavam menos envolvidos no brincar e no ensino/disciplina (Monteiro et al., 2017). Van Holland De Graaf e colaboradores (2018) verificaram, ainda, que tanto a idade do pai, como as suas habilitações literárias estavam positivamente associadas à garantia de autonomia e suporte, e negativamente associadas à punição.

O nível do contexto familiar, onde são consideradas as relações entre membros da família e as rotinas familiares, é teorizado como um contexto dinâmico e em mudança, que envolve padrões de relacionamento e interação recíprocas entre os membros (Cabrera et al., 2014). Neste, consideram-se as relações de casal, mas também as relações de coparentalidade, variável que tem recebido particular interesse por parte dos investigadores. Verifica-se, que a qualidade da relação coparental (marcada pelo suporte) está associada ao envolvimento do pai na brincadeira e no cuidar (Jia & Schoppe-Sullivan, 2011). O tempo, tipo de atividades, e qualidade da relação pais-filhos pode ser, ainda, influenciado pela situação laboral dos cuidadores (se trabalha ou não), número de horas de trabalho, e natureza do mesmo, que contribuem para o capital social que os pais trazem para a parentalidade (Cabrera et al., 2014). Craig (2006) sugere que devido às exigências que advém da situação laboral (e.g., horários prolongados), os pais tendem a ter uma maior dificuldade em estar envolvidos nas rotinas dos filhos, o mesmo se verificando com amostras portuguesas (e.g., Santos et al., 2022; Santos & Monteiro, 2023). Relativamente aos rendimentos do pai, verifica-se que rendimentos mais elevados estão associados a maior envolvimento no cuidar e na brincadeira (Kulik & Sadeh, 2015). Podem ser, ainda, consideradas variáveis relativas à criança, como a idade ou o género, existindo estudos que encontram diferentes resultados. Por exemplo, Fletcher e colaboradores (2013) reportam que existe um maior envolvimento dos pais com filhos do sexo masculino, o

que vai de encontro ao verificado em amostras portuguesas (e.g., Santos & Monteiro, 2023), no entanto, noutras amostras portuguesas tal não se verifica (e.g., Monteiro et al., 2019).

2.2. Relações de Coparentalidade: O Modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade

Considerando a revisão dos diferentes modelos de parentalidade, uma das variáveis com potencial impacto na parentalidade é a coparentalidade, sendo que os quadros teóricos sobre as relações familiares têm dado pouco relevo a esta como fator explicativo dos padrões de interação nas famílias, sendo que o subsistema coparental opera e é independente de outros subsistemas familiares, mais especificamente o subsistema parental e conjugal (Lamela et al., 2010).

O presente estudo, enquadrado numa visão ecológica sobre o pai, foca-se no Modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade (Feinberg, 2003), que define coparentalidade e as suas diferentes dimensões, propondo ainda uma integração da aliança coparental no contexto ecológico (Lamela et al., 2010). Neste modelo (Feinberg, 2003), a coparentalidade é definida como o modo como os pais se relacionam relativamente à parentalidade, ou seja, a coparentalidade ocorre quando os indivíduos têm responsabilidades partilhadas na educação da criança, consistindo no apoio e coordenação (ou falta de) exibidos nas práticas parentais. Esta não inclui aspetos românticos, sexuais, emocionais, financeiros e legais da relação entre os adultos, sendo que esta relação coparental não existe fora, para além de, ou independentemente da relação entre os pais da criança (Feinberg, 2003).

De acordo com o modelo proposto a coparentalidade integra quatro componentes que se interrelacionam: i) O acordo ou desacordo nas práticas parentais, relativo ao grau de entendimento entre a díade parental em relação a tópicos referentes à criança, tais como disciplina, princípios morais, formas de prestação de cuidados e, ainda, decisões sobre a educação ou necessidades emocionais da criança. ii) Divisão do trabalho, referente à partilha das obrigações das rotinas diárias de cuidados da criança, assim como à divisão das responsabilidades legais, financeiras e médicas relacionados com a criança. iii) Suporte/sabotagem, refere-se à qualidade e grau de suporte recíproco entre a díade. São exemplo de manifestações de suporte: expressões de afeto positivo, de apoio emocional, de reforço, respeito perante a autoridade, ou apoio aos contributos do outro membro da díade. As manifestações de sabotagem correspondem a um padrão de hostilidade, culpa, crítica e afeto

negativo face ao outro elemento da díade. iv) Gestão conjunta da família, que acumula a gestão, pontuação e modelação das interações familiares, mais especificamente entre os pais. Estes devem ser capazes de autorregular o seu comportamento e comunicar de modo eficaz, sendo, ainda, responsáveis por estabelecer fronteiras familiares claras (Feinberg, 2003).

Este modelo aborda a coparentalidade como um processo familiar que influencia e é influenciado por fatores externos à relação coparental, assentando numa visão contextual que permite compreender efeitos moderadores e mediadores da díade coparental no bem-estar e no ajustamento dos membros da família (Lamela et al., 2010). Considerando as características individuais de cada figura parental e o modo como poderão impactar a relação coparental, Feinberg (2003) refere por exemplo, as atitudes, a escolaridade, assim como saúde mental e bem-estar dos pais. A educação dos pais está associada com a coparentalidade, na medida que fornece as aptidões necessárias à mesma, tais como atitudes sobre a cooperação (Stright & Bales, 2003). Pais com níveis educacionais mais baixos tendem a apresentar menos recursos e conhecimentos sobre parentalidade, que poderão influenciar negativamente o estabelecimento e manutenção de relações de coparentalidade (Yu, 2023). Stright e Bales (2003) verificaram que níveis de educação mais elevados predizem uma coparentalidade de suporte. Han e colaboradores (2023) verificaram que pais com maiores níveis de educação reportam um maior suporte coparental, e pais com menor nível de educação reportam um menor nível de suporte, e um maior nível de sabotagem.

Relativamente às atitudes face aos papéis de género, visões mais tradicionais associadas aos papéis de homens e mulheres estão associadas a um elevado conflito coparental (Kuo et al., 2017). Por outro lado, as expectativas parentais sobre as próprias capacidades e as capacidades do parceiro como cuidador influenciam os comportamentos parentais, na medida em que o sentimento de autoeficácia está positivamente associado com a perceção de uma coparentalidade positiva e negativamente associado com conflito parental (Merrifield & Gamble, 2013). Uma revisão *scoping* de Campbell (2023) verificou que o tipo de vinculação do adulto apresenta-se como um fator de risco para o conflito na coparentalidade, assim como para o aumento do *stress* parental. Verificou, também, que a depressão parental afeta negativamente a coparentalidade, em ambos os pais.

As características da própria criança, tais como o temperamento, a idade, ou o género são variáveis importantes a considerar no estudo da coparentalidade (Feinberg, 2003). Davis e colaboradores (2009) verificaram a existência de maior suporte na coparentalidade de pais de filhas, comparativamente com pais de filhos, e quando o género da criança é controlado, o temperamento difícil na criança está associado a uma coparentalidade com um menor nível de

suporte. É, ainda, de ressaltar que a coparentalidade tem efeitos indiretos nas crianças, sendo que uma coparentalidade caracterizada pela presença de suporte entre os pais está associada a uma maior disponibilidade emocional na parentalidade (Kim & Teti, 2014). Campbell (2023) refere, ainda, a existência de uma relação bi-direcional entre as características da criança e a coparentalidade.

Relativamente às variáveis familiares que podem influenciar a relação coparental, há que considerar que o subsistema coparental é formado após o subsistema conjugal (considerando as famílias nucleares). Ou seja, existe já um histórico prévio de interações e relatório emocional e comportamental dos pais enquanto cônjuges, que tem um papel importante na formação e conservação de uma relação coparental ajustada (Lamela et al., 2010). Le e colaboradores (2016) verificaram que, longitudinalmente, a qualidade de relação matrimonial estava associada com a percepção de uma coparentalidade de suporte, sendo esta associação estável no tempo. Verificaram, ainda, que a qualidade da relação pré-natal estava positivamente associada com os níveis de suporte/sabotagem na relação coparental seis meses *postpartum*, tanto para o pai, como para a mãe.

As influências extrafamiliares sobre a coparentalidade incluem o *stress* extrafamiliar, ou seja, contextual, como fator de risco e o suporte social percebido pela família como um fator protetor (Lamela et al., 2010). O suporte social, em resposta a situações de *stress*, fornece um alicerce na realização das tarefas coparentais, sendo que quanto maior o apoio recebido, seja de familiares, da comunidade escolar ou dos serviços do estado, mais facilitada estará a relação de coparentalidade (Feinberg & Kan, 2008). Ainda, nesta dimensão encontram-se fatores como o ESE e a discriminação racial, sendo que o *stress* resultante de dificuldades económicas e da discriminação racial estão associados a um menor nível de satisfação na coparentalidade, em famílias afro-americanas, enquanto um maior apoio social se encontrava associado a uma maior satisfação na relação coparental (Riina & McHale, 2012).

Posteriormente, Van Egeren (2004) alargou a definição de coparentalidade, postulando que a mesma existe quando pelo menos duas pessoas assumam a responsabilidade conjunta pelo bem-estar de uma criança. Tal vem permitir a aplicação da coparentalidade a qualquer variação e configuração familiar, existindo para além da relação do casal. Van Egeren e Hawkins (2004) verificam ainda que a coparentalidade impacta o desenvolvimento da criança, direta e indiretamente, através do impacto que tem nas práticas parentais.

2.3 Estilos e Práticas Parentais

Uma das abordagens mais comuns na análise da qualidade da parentalidade e do seu impacto no desenvolvimento da criança foca-se nos estilos parentais (Palkovitz & Hull, 2018). Estes são o conjunto de atitudes dos pais face à criança que lhe são comunicadas e criam um clima emocional no qual os comportamentos dos pais são expressos (Darling & Steinberg, 1993). Tais comportamentos incluem comportamentos específicos e orientados por objetivos, assim como comportamentos não orientados por objetivos, tais como gestos e expressões espontâneas de sentimentos (Darling & Steinberg, 1993). Inicialmente os estilos parentais focavam-se em três componentes, sendo estas a relação emocional entre os pais e a criança, as práticas parentais e as crenças parentais, sendo os estilos parentais expressos maioritariamente através das práticas parentais, pois é a partir destes comportamentos que as crianças inferem as atitudes emocionais dos pais (Darling & Steinberg, 1993).

Baumrind (1967) propôs o estudo da parentalidade focando-se num conjunto de práticas parentais que organizou em três tipos de estilos parentais: o autoritativo, caracterizado por estabelecerem padrões de comportamento elevados, esperando que os filhos cumpram as regras, mas reconhecendo a sua individualidade, e sendo responsivo e caloroso; o autoritário, caracterizado por uma ênfase na obediência, autoridade e medidas punitivas, um desencorajamento da autonomia e individualidade da criança e pouca responsividade e afeto e suporte reduzido; e o permissivo, caracterizado por baixos níveis de controlo parental, centrados nas necessidades da criança, caracterizados por uma expressão de afetos e comunicação ineficaz.

Posteriormente Maccoby e Martin (1983) reconceptualizaram a abordagem de Baumrind (1967) em duas dimensões: o controlo parental e a responsividade. O controlo parental refere-se ao controlo parental que os pais exercem face aos comportamentos da criança, manifestado através da disciplina, monitorização, e socialização da criança face as normas sociais. Já a responsividade, refere-se à coerência do reforço parental em resposta a comportamentos da criança e esta refletido em comportamentos de afeto e envolvimento comportamental e emocional na vida da criança. Baseado na interação destas duas dimensões definiram, ainda, quatro estilos parentais: autoritativo (alto controlo parental e alta responsividade), autoritário (alto controlo parental e baixa responsividade), indulgente (baixo controlo parental e alta responsividade e negligente (baixo controlo parental e baixa responsividade).

A revisão sistemática realizada por Yaffe (2020), sobre os estilos e práticas parentais em diferentes culturas, inclui 31 estudos, oriundos de 15 países (sendo a maioria dos Estados Unidos da América e da China, não estando incluídas amostras portuguesas), indica a existência de diferenças significativas, em 14 estudos, entre as mães e os pais. As mães reportam a nível dos estilos parentais, resultados mais elevados, comparativamente, os pais, no estilo parental autoritativo, e os pais resultados mais elevados no estilo parental autoritativo. Relativamente às práticas parentais, as mães percecionam-se como sendo mais aceitantes, responsivas e apoiantes, assim como exercendo um maior controlo do comportamento, tendo um maior nível de exigência, e dando mais autonomia às crianças. Enquanto os pais, se percecionam como mais restritivos, coercivos e punitivos, com menor nível de preocupação parental. Estas diferenças são independentes do sexo e idade da criança, assim como da cultura da família.

Tais resultados não significam que os pais não tenham um estilo parental e práticas também elas autoritativas. Na realidade, diversos estudos verificaram que os pais se percecionam mais como autoritativos, do que autoritários (Donrade & Ho, 2001), resultado que se encontra em diversas amostras portuguesas (e.g., Monteiro et al., 2017; Pedro et al., 2013; Santos & Monteiro, 2023). Pedro e colaboradores (2013) verificaram que as mães tendem a descreverem-se como sendo mais autoritativas, do que os pais, mas não encontram diferenças significativas nos estilos parentais permissivo e autoritário.

Os estilos e práticas parentais são influenciados por um conjunto de variáveis sociodemográficas, como as habilitações literárias dos pais. Pais com mais habilitações literárias mais elevadas têm mais recursos e conhecimento sobre a criança e as suas necessidades desenvolvimentais (Coley & Lansdale, 1999), enquanto baixas habilitações literárias tem um impacto negativo no estabelecimento de relações de suporte emocional com as crianças (Cabrera et al., 2004). Monteiro e colaboradores (2017) verificaram, numa amostra de famílias portuguesas, que pais com habilitações literárias mais elevadas tendem a se percecionar como tendo um estilo parental autoritativo. Lee e colaboradores (2021) verificaram, numa amostra de pais e mães, que ter concluído o ensino secundário estava positivamente associado à responsividade parental. Por outro lado, Hadjicharalambous e Dimitriou (2020) verificaram que o nível de educação dos pais se encontrava associado ao estilo parental permissivo e autoritário. Pais com menores níveis de habilitações literárias tendem a adotar um estilo parental permissivo. No entanto, em comparação com pais com maior nível de habilitações literárias, estes tendem a adotar um estilo parental autoritário.

O ESE emerge, também, como uma importante variável no estudo das práticas parentais. A literatura demonstra que mães de ESE mais baixo tendem a ser mais controladoras e restritivas, comparativamente com mães de ESE alto (Hoff & Laursen, 2019), sendo que pais de ESE baixo tendem a recorrer mais frequentemente à punição física, comparativamente a pais de ESE alto (e.g., Straus & Stewart, 1999). Um estudo publicado pelo *National Research Council and Institute of Medicine* (2000) verificou que pais de ESE baixo tendem a ser menos responsivos verbalmente, a recorrer frequentemente à punição e ao estilo parental autoritário, do que pais de ESE mais elevado.

2.4 Coparentalidade e Práticas Parentais

Feinberg e colaboradores (2003) postulam uma associação entre a coparentalidade e as práticas parentais, sendo que a colaboração e apoio na coparentalidade deverá fornecer os recursos necessários na utilização de práticas parentais efetivas e coordenadas. Por outro lado, uma coparentalidade pautada pela hostilidade pode originar tensão na interação pais – filhos (Feinberg et al, 2007), dado que pais com uma aliança coparental mais vulnerável à hostilidade estão mais suscetíveis a desacordos nas práticas parentais (Kitzmann, 2000).

A literatura que demonstra a relação da coparentalidade e das práticas parentais em pais de crianças em idade escolar é escassa. Choi e Becher (2019) verificaram, numa amostra de famílias nucleares com crianças entre um ano e os 15 anos de idade, que níveis mais elevados de suporte coparental se encontravam associados a níveis mais baixos de utilização de práticas parentais severas de mães e pais. Ao analisarem as perceções da relação coparental de mães e pais, numa amostra de famílias com crianças entre um ano e os 18 anos, Morrill e colaboradores (2010) verificaram que estas se encontravam positivamente relacionadas com as suas práticas parentais. Assim, a capacidade de mães/pais se apoiarem e coordenarem mutuamente atua como um facilitador das suas respostas e comportamentos responsivos. Esta relação parece ser, no entanto, mais forte para os pais, considerando-se que tal poderá advir do facto de para os homens ser mais difícil manter a divisão entre o subsistema de casal e o subsistema coparental (Minuchin, 1974).

Em amostras portuguesas, de mães e pais com crianças entre os 9 e os 13 anos, Pedro e colaboradores (2013) verificaram a existência de uma associação positiva entre a cooperação na coparentalidade e o apoio emocional e uma associação negativa com o controlo exercido pelos pais. Num estudo com famílias de crianças em idade pré-escolar, Fan e Chen (2020) verificaram, ainda, que o suporte coparental estava positivamente associado com o estilo parental autoritativo e negativamente associada com o autoritário.

2.5 O papel do *stress* parental na relação entre a coparentalidade e as práticas parentais

O *stress* parental pode ser definido como o *stress* que os pais sentem ao educar uma criança (Berry & Jones, 1995), sendo a perceção subjetiva de que as exigências da parentalidade são superiores aos recursos disponíveis, o que terá impacto no bem-estar da criança (Leung & Tsang, 2010). Os pais tendem a experienciar níveis mais elevados de *stress* parental quando, simultaneamente, consideram que apresentam uma baixa eficácia em lidar com os comportamentos da criança, assim como, consideram que a criança não deveria apresentar tais comportamentos (Gavita et al., 2014). A literatura demonstra, ainda, que quando um progenitor experiêcia níveis elevados de *stress* parental, o outro progenitor também o tende a experienciar (e.g., Delvecchio et al., 2015; Schoppe-Sullivan et al., 2016).

O *stress* parental tem efeitos nos progenitores, podendo levar a sentimentos depressivos (e.g., Bolger et al., 1989; Fang et al., 2021), estando, também, associado a mudanças no funcionamento familiar (Gelfand et al., 1992; Mitchell et al., 2016), como uma maior utilização de práticas parentais severas (Algarvio et al., 2018).

O Modelo da Coparentalidade de Feinberg (2003) sugere que o apoio que os pais fornecem um ao outro, a afirmação de competências parentais e o respeito e reconhecimento das contribuições parentais de cada um, podem agir como um fator protetor do *stress* parental. Será expectável que, numa família onde ambos os pais apresentam uma relação de coparentalidade de qualidade, ambos experienciem níveis mais baixos de *stress* parental (Durtschi et al., 2017). Apesar do *stress* parental poder afetar ambos os progenitores (e.g., Delvecchio et al., 2015; Schoppe-Sullivan et al., 2016), uma relação de coparentalidade marcada pelo suporte age como um fator protetor na medida que quando o *stress* parental num dos progenitores é elevado, o outro pode fornecer o apoio necessário nos cuidados à criança (e.g., Durtschi et al., 2017).

No entanto, a relação coparental pode ter o efeito contrário, em função da sua qualidade por exemplo, Solmeyer e Feinberg (2011) verificaram que a sabotagem coparental estava relacionada com níveis mais elevados de *stress* parental, de sintomas depressivos e níveis mais baixos de eficácia parental, tanto para mães, como para pais. Contrariamente, o suporte coparental estava associado com uma maior eficácia parental e menor *stress* parental. A nível longitudinal e transversal a literatura tem verificado que a perceção da qualidade coparental das mães e dos pais está associada ao seu *stress* parental, sendo que um maior conflito coparental está associado a um maior *stress* parental (Fagan & Lee, 2014; Granner et al., 2023; Turgeon et al., 2023).

Lucassen e colaboradores (2021) teorizaram que níveis mais elevados de *stress* parental estariam negativamente associados à qualidade da coparentalidade, ou seja, quando as exigências da parentalidade excedem os aspetos positivos da mesma, torna-se desafiador os pais estarem emocionalmente disponíveis para responder de forma sensível à criança e para trabalhar conjuntamente com o outro progenitor.

Relativamente aos comportamentos e práticas parentais, níveis elevados de *stress* parental estão, também, associados a práticas parentais negativas (Algarvio et al., 2018), na medida que os sentimentos de *stress* originam comportamentos parentais negativos e, ao mesmo tempo, reduzem a habilidade dos pais serem sensíveis nas suas respostas aos sinais da criança (e.g., Anthony et al., 2005). Diversos estudos indicam que um maior *stress* parental está associado positivamente a comportamentos parentais severos (Choi & Becher, 2019), nomeadamente, de disciplina (Mortensen & Barnett, 2015), práticas parentais de rejeição e coerção (Hadicharalambous e Demetriou, 2021), comportamentos severos, hostis, punitivos, e até mesmo abusivos (Anthony et al., 2005), e negativamente associado a práticas parentais de responsividade, estrutura e autonomia (Hadicharalambous & Demetriou, 2021; Speer et al., 2024).

Um estudo longitudinal de Lau e Powe (2019) que analisou a coparentalidade, o *stress* parental e a parentalidade autoritativa, numa amostra de famílias biparentais, com crianças em idade pré-escolar, verificou que a cooperação na coparentalidade estava positivamente associada com uma parentalidade autoritativa e negativamente associada com o *stress* parental, estando a parentalidade autoritativa negativamente associada ao *stress* parental. Para os pais, a cooperação percebida pela mãe tinha um efeito na parentalidade autoritativa do pai, mediado pelo *stress* parental do pai, sendo que os efeitos da cooperação na coparentalidade foram totalmente mediados pelo *stress* parental. Noutros estudos, o *stress* parental e um baixo suporte coparental são preditores de práticas parentais severas (Choi & Becher (2019), e que níveis elevados de *stress* parental estão associados a níveis mais elevados de uma parentalidade coerciva e níveis mais baixos da qualidade da coparentalidade (Lucassen et al., 2021).

2.7 Objetivos

O presente estudo tem como objetivo analisar a parentalidade na perspetiva do pai, nomeadamente, de que modo a sua perceção da qualidade da relação coparental está associada com as suas práticas educativas parentais, testando-se o papel mediador do *stress* parental (diferentes dimensões) nestas relações. Espera-se que a qualidade da relação coparental - suporte - esteja positivamente associada com níveis mais elevados de cuidado (e.g., Bond & Gondoli, 2007), sendo esta relação mediada por níveis mais baixos de *stress* parental. É, ainda, expectável que níveis mais elevados de sabotagem coparental estejam negativamente associados com o cuidado parental, mediados por níveis mais elevados de *stress* parental (e.g., Hadicharalambous & Demetriou, 2021; Lucassen et al., 2021, Speer et al., 2024).

Dado que a literatura indica que diversas variáveis sociodemográficas têm impacto ao nível da parentalidade, serão controladas nas análises: as habilitações literárias (e.g., Castillo et al., 2013; Lee et al., 2021; Monteiro et al., 2017; Santos & Monteiro, 2023; Van Holland De Graaf et al., 2018), e o número de horas de trabalho do pai (e.g. Monteiro et al., 2017), assim como rendimento familiar (e.g., Bronte-Tinkew et al., 2010; Kulik & Sadeh, 2015; Mortensen & Barnett, 2015); a idade e sexo da crianças (e.g., Campbell, 2023; Santos et al., 2022).

A melhor compreensão da parentalidade – pai e das variáveis que nela têm impacto, contribuirá para pensarmos como apoiar as famílias nas suas especificidades pensando no seu bem-estar e num desenvolvimento saudável das crianças.

CAPÍTULO 3

Método

3.1 Participantes

Participaram neste estudo 98 pais (55% casados e 45% em união de facto), com pelo menos uma criança em idade pré-escolar. Os pais tinham idades compreendidas entre os 27 e os 56 anos ($M = 39.70$, $DP = 5.71$), e as suas habilitações literárias variavam entre o segundo ciclo e o ensino superior ($M_{\text{(anos)}} = 14.29$, $DP = 3.34$). Dos pais, 98% trabalhavam ($M_{\text{(horas)}} = 30.24$, $DP = 7.87$) estando os restantes desempregados. As crianças tinham entre os 32 meses e os 72.97 meses ($M = 50.15$, $DP = 11.99$), 55 eram rapazes, sendo 49 filhos/as primogénitos. Nenhuma estava sinalizada ou a ser acompanhada em consultas de desenvolvimento. Relativamente ao rendimento familiar, as famílias apresentam um rendimento mensal que variava entre 650 euros mensais e 15000 euros mensais ($M = 3276.8$, $DP = 2197.70$). As famílias foram recrutadas a partir das escolas frequentadas pelas crianças (Escolas da rede privada de ensino com fins lucrativos e sem fins lucrativos, e escolas da rede de ensino Público) no distrito de Lisboa.

3.2 Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

Visa recolher informações sobre a criança (e.g., idade, sexo, nacionalidade), figuras parentais (e.g., habilitações literárias, emprego) e do agregado familiar (e.g., rendimento).

Questionário Modificado do Relatório de Práticas Educativas Parentais (Ribeiro et al., 2021; Rickel & Biasatti, 1982)

Este questionário permite analisar as práticas educativas parentais, tendo sido traduzido e validado para amostras portuguesas por Ribeiro e colaboradores (2021). O instrumento original (Rickel & Biasatti, 1982) é constituído por 40 itens, tendo sido eliminados quatro itens, dado o seu conteúdo relacionado com temas sexuais ter sido percecionado como inapropriado (e.g., Nunes et al., 2013). Assim, a versão utilizada é composta por 36 itens, organizados em duas dimensões: Cuidado parental (18 itens), que se refere às práticas parentais focadas no carinho, afeto e partilha de sentimentos (e.g., “Eu expresso o meu afeto abraçando, beijando e

pegando no meu filho ao colo”; $\alpha = .83$); e a Restritividade parental, que se refere às práticas parentais que se focam em controlar o comportamento da criança, de acordo com os valores dos pais (e.g., “Eu prefiro que o meu filho não tente fazer coisas em que possa fracassar”; $\alpha = .86$). É pedido aos pais que respondam numa escala de tipo Likert de 6 pontos (1= Discordo totalmente – 6 = concordo totalmente). No presente estudo os valores de alfa de Cronbach foram de .83 para o Cuidado Parental e de .76 para a Restritividade Parental.

Escala de Relação Coparental (Costa et al., 2020; Feinberg et al., 2012)

Esta escala permite analisar a percepção que a mãe ou o pai têm do apoio do/a parceiro/a na coordenação conjunta na educação da criança. Na validação de Costa e colaboradores (2020) para amostras portuguesas, foram retidos 31 itens, dos 35 itens da escala original, tendo sido eliminados os itens referentes à dimensão Divisão de Tarefas (itens 5 e 20), e dois itens (itens 13 e 28) referentes à escala de sabotagem e proximidade parental por evidenciarem baixos valores de carga fatorial. No presente estudo apenas foi utilizada a escala de Suporte coparental (6 itens), que se refere ao grau de suporte mútuo existente entre as figuras parentais, sendo manifestado através da validação das competências de um deles perante os contributos do papel parental do outro (e.g., “Quando chego ao meu limite como pai/mãe, o/a meu/minha parceiro/a dá-me o apoio extra que eu preciso”; $\alpha = .92$); e a escala de Sabotagem (6 itens), referente ao grau de sabotagem mútuo existente entre as figuras parentais, manifestado através de padrões de depreciação ou hostilidade perante o parceiro de modo a gerar culpa no outro (e.g. “O/a meu/minha parceiro/a por vezes faz piadas ou comentários sarcásticos sobre mim como pai/mãe”; $\alpha = .80$). Os pais respondem numa escala de tipo Likert de 7 pontos (0 = Não é verdadeiro sobre nós – 6 = Muito verdadeiro sobre nós). No presente estudo os valores de alfa de Cronbach foram de .85 para a escala de Suporte coparental, e de .69 para a escala de Sabotagem.

Escala de Stress Parental (Algarvio et al., 2018; Berry & Jones, 1995)

A escala analisa o *stress* parental subjetivo que advém do papel parental. O instrumento original, de Berry e Jones (1995), foi validado para a amostras portuguesas por Algarvio e colaboradores (2018). A sua estrutura original foi reproduzida tendo, no entanto, sido eliminados quatro itens (itens 1, 2, 17 e 18 da escala original). Os 14 itens estão organizados em quatro dimensões: Stressores parentais (5 itens; e.g., “A maior fonte de stress na minha vida é o meu(s) filho(s)”; $\alpha = .78$); Satisfação parental (4 itens; e.g., “Ter um filho(s) dá-me uma visão mais certa e otimista do futuro”; $\alpha = .57$); Falta de controlo (3 itens; e.g., “Ter um filho(s)

deixa-me pouco tempo e não me permite uma grande flexibilidade na minha vida”; $\alpha = .69$); Medos e ansiedades (2 itens; e.g., “Às vezes penso se faço o suficiente pelo(s) meu(s) filho(s)”;
 $\alpha = .56$). É, também, possível o cálculo de um valor global de *Stress* parental ($\alpha = .76$). Os pais respondem numa escala de tipo Likert de 5 pontos (1 = Discordo totalmente – 5 = Concordo totalmente”). No presente estudo os valores de alfa de Cronbach para as diferentes dimensões são: Stressores parentais = .78, Satisfação parental = .64, Falta de controlo = .68, e Medos e ansiedades = .54. Para a escala global o valor foi de .72. Dado o valor da dimensão Medos e Ansiedades se encontrar abaixo de .60, não será considerada nas análises.

3.3 Procedimentos

Esta dissertação encontra-se enquadrada no Projeto de Investigação *Dad’s Involvement* (UID/PSI/03125/2022), previamente aprovado pela Comissão de Ética do Iscte. Inicialmente procedeu-se a um primeiro contacto e reunião com as escolas, de modo a explicar os objetivos do projeto e o procedimento de recolha dos dados. Após a sua aprovação, o Diretor/a da escola assinou um consentimento informado a autorizar a recolha de dados, de seguida foram enviados os consentimentos informados para as famílias de crianças com idade pré-escolar, juntamente com um questionário sociodemográfico. Para os pais que aceitaram participar foram enviados os questionários, em envelope, através da escola/educadoras. Foi criado um código para cada criança de modo a ser garantida a confidencialidade dos dados e posterior total anonimização. Apenas uma criança por família participou, caso existissem duas crianças a frequentar o pré-escolar, apenas a criança mais velha foi incluída no estudo. Foi, assim, solicitado aos pais que respondessem aos questionários a pensar na criança-alvo, ou seja, para a qual foi aceite a participação no estudo, e de modo independente da sua mulher/mãe da criança. O nome das crianças foi escrito a lápis no envelope, tendo sido pedido aos pais que quando entregassem os questionários o fizessem no envelope selado, sem o nome da criança. Por fim foi elaborada a base de dados, após a anonimização dos sujeitos/escolas.

3.4 Estratégia Analítica

Utilizou-se o programa IBM SPSS for Windows (versão 29.0) para realizar as análises do presente estudo. As variáveis foram inicialmente estandardizadas e a análise da distribuição normal e potenciais outliers revelou a existência de valores estandardizados

extremamente inferiores a - 3.29 ou extremamente superiores a 3.29 em algumas variáveis (Tabachnick & Fidell, 2012), tendo sido substituídos pelo valor imediatamente abaixo ou acima (dois sujeitos na variável Sabotagem Coparental e um sujeito na variável Cuidado Parental).

As análises iniciais incluíram estatísticas descritivas e correlações bivariadas entre as variáveis em estudo. De modo a analisar o papel mediador do *stress* parental na associação entre a coparentalidade e as práticas parentais foi testado um modelo de mediação com recurso à macro PROCESS (v. 4.2) para SPSS (Hayes, 2022), usando-se o Modelo 4. Para testar efeitos indiretos foram usados intervalos de confiança bootstrap de 95%, com base em 5.000 reamostragens de *bootstrap* (Hayes, 2018). As variáveis número de horas de trabalho do pai e rendimento familiar foram as únicas variáveis sociodemográficas controladas no modelo, tendo esta decisão sido baseada nos resultados das análises de correlações bivariadas, e na revisão de literatura efetuada.

CAPÍTULO 4

Resultados

Estatísticas descritivas e correlações bivariadas

O mínimo, máximo, média e desvio padrão das variáveis do estudo são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1.

Mínimo, máximo, média e desvio padrão da coparentalidade, stress parental e práticas parentais.

	Min	Máx	<i>M</i>	<i>DP</i>
<i>Coparentalidade</i>				
Suporte	2.50	6.00	4.82	1.04
Sabotagem	0.00	3.00	0.78	0.83
<i>Stress Parental</i>				
Escala Global	1.00	3.33	1.47	0.60
Stressores Parentais	1.00	4.60	2.32	0.81
Satisfação Parental	3.25	5.00	4.59	0.45
Falta de controlo	2.00	4.14	2.95	0.44
<i>Práticas Parentais</i>				
Cuidado	3.94	6.00	5.25	0.42
Restritividade	2.22	4.94	3.52	0.61

As associações entre as variáveis sociodemográficas, coparental, *stress* parental e práticas parentais foram analisadas com recurso a correlações de *Pearson*. Os resultados são apresentados na Tabela 2.

Relativamente às habilitações literárias do pai, estas encontram-se negativa e significativamente associadas com os stressores parentais, sendo que pais com habilitações literárias mais elevadas tendem a experienciar um menor número de stressores parentais. O número de horas de trabalho do pai encontra-se negativa e significativamente correlacionado com o suporte coparental, e positivamente com a sabotagem coparental. Encontra-se, ainda, negativa e significativamente correlacionado com a satisfação parental e com as práticas de

cuidado. Pais que trabalham um maior número de horas tendem a experienciar um menor nível de suporte coparental e, contrariamente, um maior nível de sabotagem coparental. Um maior número de horas de trabalho está ainda associado a uma menor satisfação parental e um menor uso de práticas de cuidado. Finalmente, o rendimento familiar encontra-se negativa e significativamente correlacionado com a satisfação parental e com as práticas de cuidado. Ou seja, famílias cujo rendimento familiar é mais baixo tendem a experienciar uma menor satisfação parental, e as suas práticas parentais tendem a ser menos cuidadosas.

Relativamente às dimensões da coparentalidade, suporte e a sabotagem coparental, obteve-se uma correlação negativa e significativa entre estas dimensões, assim, pais que experienciam um maior nível de suporte coparental tendem a experienciar um menor nível de sabotagem coparental. O suporte na coparentalidade está negativamente associado com o stress parental global, com os stressores parentais e com a falta de controlo. Por outro lado, está positiva e significativamente associado com a satisfação parental, e as práticas parentais de cuidado. Pais que percecionam um maior suporte coparental tendem a experienciar menor stress parental global, inclusive menos stressores parentais e menor falta de controlo, e um maior nível de satisfação parental, reportando mais práticas de cuidado. Relativamente à sabotagem coparental obteve-se uma correlação positiva e significativa com o *stress* parental global, os stressores parentais, e a falta de controlo; e uma correlação negativa e significativa entre a sabotagem coparental, a satisfação parental e as práticas de cuidado. Ou seja, pais que percecionam maior sabotagem coparental tendem a relatar maior *stress* parental global, maior número de stressores parentais e uma maior falta de controlo, menor satisfação coparental, recorrendo menos a praticas de cuidado.

O *stress* parental global está positiva e significativamente correlacionado com os stressores parentais e com a falta de controlo. Pais que percecionam um maior *stress* parental relatam um maior número de stressores parentais e maior falta de controlo. Obteve-se uma correlação negativa e significativa entre os stressores parentais e a satisfação coparental, e uma correlação positiva e significativa com a falta de controlo, assim, pais que percecionam um maior número de stressores parentais reportam menor satisfação parental e maior falta de controlo. A satisfação parental está negativa e significativamente correlacionada com a falta de controlo e positiva e significativamente com as práticas parentais de cuidado. Ou seja, pais que reportam uma maior satisfação parental tendem a experienciar uma menor falta de controlo e utilizam mais práticas parentais de cuidado. A falta de controlo está negativa e significativamente correlacionada com as práticas parentais de responsividade, ou seja, pais que percecionam maior falta de controlo tendem a reportar menos práticas parentais de cuidado.

Tabela 2.

Correlações bivariadas entre as variáveis Sociodemográficas, de Coparentalidade, Stress parental e Práticas parentais.

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.
1. Sexo da criança (1= rapariga)	-	-.01	-.12	.01	-.08	-.08	.01	.18	.08	.02	.12	-.12	-.04
2. Idade da criança (meses)	-	-	.33**	-.10	.19	-.12	.15	-.06	.03	-.12	-.04	-.11	-.02
3. Habilitações do pai	-	-	-	.04	.62	-.08	-.03	.06	.25*	-.15	-.10	.04	-.04
4. Nº de horas de trabalho do pai	-	-	-	-	.25*	-.22*	.28**	.04	.04	-.21*	.05	-.22*	.13
5. Rendimento familiar	-	-	-	-	-	-.12	.16	-.08	.10	-.34**	-.08	-.22*	-.16
6. Coparentalidade - suporte	-	-	-	-	-	-	-.49**	-.39**	-.49**	.55**	-.40**	-.37**	.03
7. Coparentalidade - sabotagem	-	-	-	-	-	-	-	.38**	.39**	-.29**	.39**	-.48**	.11
8. Escala do Stress Parental global	-	-	-	-	-	-	-	-	.91**	-.06	.66**	-.11	.09
9. ESP – <i>Stressores</i> parentais	-	-	-	.-	-	-	-	-	-	-.28**	.58**	.20	.00
10. ESP – Satisfação parental	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-.41**	.54**	.17
11. ESP – Falta de controlo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	.28**	.01
12. Práticas parentais – cuidado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	.03
13. Práticas parentais – restritividade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Nota. * $p < .05$, ** $p < .01$; $N = 98$; $N = 95$ para a variável rendimento familiar.

Análises de mediação

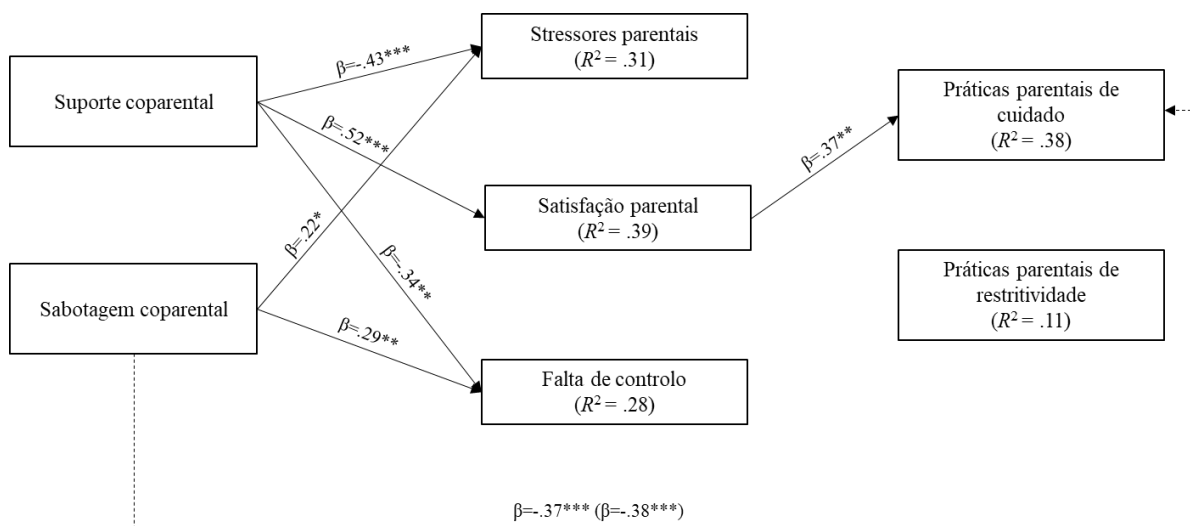
Considerando as correlações bivariadas apresentadas, o modelo de mediação foi testado de forma a explorar o papel mediador das diferentes dimensões do *stress* parental na relação entre o suporte e a sabotagem coparental e as práticas parentais de cuidado e de restritividade, controlando para o efeito do número de horas de trabalho do pai e rendimento familiar.

Os resultados do modelo de mediação (Figura 1) revelaram um efeito indireto significativo do suporte coparental nas práticas parentais de cuidado via satisfação parental, $\beta=.19$, $SE=.08$, 95% CI [.047, .346], sugerindo que mais suporte coparental está associado a mais satisfação parental do pai, que por sua vez leva a mais práticas parentais de cuidado.

Foram, ainda, verificados efeitos totais e diretos significativos. Níveis mais elevados de sabotagem coparental mostraram estar associados a mais stressores parentais e mais falta de controlo, e ainda a menos práticas parentais de cuidado do pai. Por outro lado, níveis mais elevados de suporte coparental surgiram associados a menos stressores parentais e menos falta de controlo.

Figura 1.

Modelo de mediação do stress parental na relação entre a coparentalidade e as práticas parentais do pai.



Nota. Os coeficientes entre parêntesis referem-se aos efeitos diretos.

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

CAPÍTULO 5

Discussão

Nos últimos anos, os investigadores têm demonstrado um interesse particular pelo estudo da coparentalidade, o seu papel no sistema familiar, impacto na parentalidade, e no desenvolvimento da criança (Feinberg et al., 2007). Com a abertura do sistema familiar, e o progressivo ganho de autonomia por parte da criança, torna-se crucial os pais estabelecerem uma aliança coparental caracterizada pelo suporte e coordenação de tarefas (Kwon & Elicker, 2012). Assim, é necessário analisar os mecanismos inerentes à aliança coparental, especialmente em amostras de pais, elemento mais ausente da literatura sobre a parentalidade (Cabrera et al., 2018). Este estudo teve como objetivo contribuir para esta literatura ao analisar as relações entre a perceção da qualidade da relação coparental e as práticas parentais, testando o papel do *stress* parental nesta associação, na perspetiva dos próprios pais.

O modelo de mediação testado, nesta amostra, revela um efeito indireto significativo do suporte coparental nas práticas parentais de cuidado via satisfação parental, ou seja, um maior suporte coparental está associado a uma maior satisfação parental, que por sua vez está associado a uma maior utilização de práticas parentais de cuidado. Tais resultados vão ao encontro do reportado na literatura, onde se verifica que a coparentalidade de suporte está associada a níveis mais elevados de satisfação parental (e.g., Merrifield & Gamble, 2013; Schoppe-Sullivan et al., 2016), o que por sua vez está associado a comportamentos responsivos e de cuidado (e.g., Aranda, 2014, Shim & Lim, 2019). Uma coparentalidade caracterizada pelo suporte e apoio mútuo irá contribuir para um aumento da satisfação parental, através de um reforço e valorização das competências parentais (Feinberg, 2003). Por sua vez, pais que se sentem mais satisfeitos com o seu papel parental demonstram mais conhecimentos sobre os comportamentos parentais adequados, fazendo utilização dos mesmos (Belsky, 1984).

Os resultados revelaram, também, que níveis mais elevados de sabotagem coparental estão associados a mais stressores parentais e mais falta de controlo, e ainda a menos práticas parentais de cuidado do pai. Por outro lado, níveis mais elevados de suporte coparental surgiram associados a menos stressores parentais e menos falta de controlo. A literatura reporta que pais que relatam mais suporte coparental, tendem a revelar menos *stress* parental (e.g., Durtschi et al., 2017; Kang et al., 2022; Someyer & Feinberg, 2011), e pais onde se verifica uma maior sabotagem coparental tendem a revelar mais *stress* parental (e.g., Fagan & Lee, 2014; Granner et al., 2023; Turgeon et al., 2023), e falta de controlo (Feinberg & Sakuma, 2011). Estes resultados vão de encontro ao Modelo da Coparentalidade de Feinberg (2003), que sugere que

o apoio que os pais fornecem, assim como o reconhecimento e a afirmação das competências parentais podem agir como um fator protetor do *stress* parental. A sabotagem coparental está associada negativamente ao cuidado parental, o que vai ao encontro do reportado na literatura (e.g., Chen, 2020; van Egeren, 2004) que indica que pais cuja aliança coparental é marcada por comportamentos de sabotagem tendem a apresentar menos práticas parentais de responsividade e cuidado na relação com a criança. Krishnakumar e Buehler (2000) verificaram, numa meta-análise, que pais e mães que reportam maior conflito coparental apresentam mais comportamentos parentais de disciplina e menos aceitação parental, sendo esta associação mais forte para os pais, do que para as mães. Assim, a aliança coparental tem um papel preponderante na parentalidade do pai, contribuindo positivamente para o seu envolvimento e disponibilidade para responder de forma sensível e coordenada à criança (e.g., Cummings et al., 2010; Lucassen et al., 2010).

Contrariamente ao esperado (e.g., Anthony et al., 2005; Choi & Becher, 2019; Pedro et al., 2012), não se encontrou uma relação significativa entre as dimensões estudadas e as práticas parentais de restritividade. Uma hipótese a considerar poderá ser o facto da amostra não espelhar a variabilidade socioeconómica e os stressores inerentes a um baixo ESE, dado a evidência de que famílias de ESE baixo tendem a demonstrar um grau mais elevado de práticas parentais de restritividade (e.g., Chen & Miller, 2013; Hoff & Laursen, 2019). Já no que concerne a outras variáveis com impacto na parentalidade, era esperado que o sexo e idade da criança estivessem associados às variáveis em estudo, no entanto, tal não se verificou, indo ao encontro de resultados de estudos mais recentes (e.g., Kulik & Sadhe, 2015; Monteiro et al., 2019; Santos & Monteiro, 2023).

A literatura disponível reporta relações entre o suporte coparental, o *stress* parental e as práticas parentais de cuidado (e.g., Choi & Becher, 2019; Lau & Powe, 2019; Lucassen et al., 2021). No entanto, neste estudo apenas foi encontrada uma associação com a dimensão da satisfação parental. Estes resultados podem sugerir que, quando os pais sentem um maior apoio da mãe do seu filho/a, no exercício da parentalidade, são elogiados neste seu papel e percecionam acordo, apoio e coordenação nas práticas parentais, tendem a demonstrar maior satisfação parental, expressando comportamentos afetivos e de envolvimento emocional para com a criança.

5.1 Limitações e Estudos Futuros

Algumas limitações inerentes a este estudo devem ser discutidas permitindo, também, reflectir sobre estudos futuros. Primeiramente, o tamanho da amostra não possibilita generalizar os resultados obtidos, e contrariamente ao pretendido inicialmente, a amostra incluiu poucas famílias de baixo ESE. Um aspecto importante a reflectir é sobre os desafios relativo à recolha de dados com pais de ESE baixo e/ou de outras culturas, sendo que para estas populações seria importante repensar o tipo de estratégia de abordagem às famílias, e a utilização de entrevistas, com o propósito de aumentar a proximidade direta com estas populações, o sentido de confiança e diminuir a barreira linguística com indivíduos de outras culturas. Por outro lado, poderá ser relevante repensar as medidas de autorrelato utilizadas, na sua linguagem e extensão, de modo a serem mais acessíveis e sensíveis a estas populações. Em adição a isto torna-se ainda deveras importante desenvolver métodos, tanto de recolha de dados como de trabalho com os pais, que tenham em atenção as suas especificidades e os subsistemas onde os pais se inserem, e não sejam apenas uma adaptação das metodologias desenvolvidas para mães (Cabrera & Volling, 2019), podendo-se trabalhar, por exemplo, o *gatekeeping* maternal, como factor que afeta não só a coparentalidade como ainda o *stress* parental. Outra possível estratégia seria trabalhar ao nível da comunidade com estas famílias, seja através de associações ou das próprias escolas, de modo a que estas pudessem servir como ponte e estabelecimento de confiança para a participação nos estudos.

Este estudo utilizou apenas medidas de autorrelato, todas elas validadas para amostras portuguesas, no entanto este tipo de medidas está mais suscetível à desejabilidade social, onde os participantes podem responder o que consideram ser socialmente apropriado ou desejado, e que pode não corresponder aos seus comportamentos nas interações com as crianças, o que poderá enviesar os resultados. Por outro lado, os questionários podem ser respondidos de forma compassada e interrompida no tempo, não se controlando para estímulos externos e distrações presentes no momento de resposta (Paulhus & Vazire, 2007). Em estudos futuros seria importante a integração de outro tipo de medidas, nomeadamente, de observação de comportamentos (e.g., sensibilidade e responsividade) ou de entrevistas de modo a “ouvir” o que os pais pensam sobre a sua parentalidade. Relativamente às medidas utilizadas, refira-se, ainda, que a Escala do *Stress* Parental (Berry & Jones, 1995), apesar de validada para pais e mães portugueses (Algarvio et al., 2018), demonstrou algumas fragilidades, nomeadamente na dimensão “Medos e Ansiedades”, cujo valor do alfa de Cronbach foi inferior a .60. Sugere-se

a possibilidade da utilização de outra medida, como por exemplo o *Parental Stress Index* (Abidin, 1983), que explora de forma mais detalhada a pressão económica na parentalidade.

A literatura aponta para que a relação entre a coparentalidade e o *stress* parental possa ser bidirecional, um maior *stress* parental está associado a uma menor nível de suporte coparental, em especial em pais que se encontram no limiar da pobreza (Bronte-Tinkew et al., 2010), e uma melhor relação de coparentalidade está associada a menores níveis de *stress* parental, sendo que os pais com um maior nível de *stress* parental têm menos probabilidade de investir na coparentalidade (McDaniel et al., 2018). Assim, em estudos futuros seria interessante explorar os efeitos bidirecionais entre a coparentalidade e o *stress* parental.

Dada a parentalidade ocorrer num contexto ecológico seria, também, importante analisar a qualidade da relação coparental através da observação das interações da tríade (pai-mãe-criança), dada a evidência de que os comportamentos de coparentalidade de um cuidador influenciam os comportamentos de coparentalidade do outro (Lucassen et al., 2021), assim como mudanças a nível da responsividade de um progenitor predizem mudanças ao nível da responsividade do outro progenitor (Scott et al., 2018).

Futuramente seria benéfico alargar o estudo da paternidade a famílias nucleares onde o pai assume o principal papel de cuidador (e.g., pais que ficam em casa com as crianças), e a outras tipologias de famílias, como famílias monoparentais, ou reconstituídas de modo a colmatar lacunas na literatura (Cabrera et al., 2018; Diniz et al., 2021). Por exemplo, a necessidade de reestruturação da relação entre os pais da criança, assim como a reconfiguração e renegociação de diferentes papeis e fatores inerentes à divisão do trabalho, e os motivos da separação do casal, podem facilitar ou minar o estabelecimento e manutenção de uma aliança coparental, o que poderá ser ampliado pela entrada de novos elementos no sistema familiar (Emery, 2012).

Seria, ainda, importante analisar o impacto que variáveis extrafamiliar têm na parentalidade, tais como o apoio social, na medida em que um nível mais elevado de apoio social auxilia os pais nas dificuldades inerentes à parentalidade, sendo importante ressaltar que a disponibilidade do apoio social, a fonte, o seu conteúdo, a sua qualidade e o grau de satisfação que os pais percecionam relativamente ao mesmo são fatores cruciais para os pais recorrerem a este apoio (Fang et al., 2024). Refira-se, que a rede de suporte e o trabalho poderão influenciar e quantidade e tipo de envolvimento do pai com os filhos (Cabrera et al., 2014).

É de ressaltar que uma revisão sistemática de Venning e colaboradores (2021) verificou que os pais revelam sentir-se muitas vezes excluídos desta rede de suporte, sentido que a mesma esta focada nas mães, e reportando que os profissionais de saúde tendem a estereotipar os pais de uma maneira negativa, referindo-se aos mesmos como “não-envolvidos”. Esta revisão

sistemática revelou, ainda, que os pais tendem a sentir alguma dificuldade em procurar recursos e uma rede de suporte, percecionando que as mesmas não são específicas para os as suas necessidades, nem lhes são divulgadas. Tal vem demonstrar a importância de desmistificar o pai como apenas provedor económico e/ou auxiliar da mãe, e apostar em políticas e em ações de formação a profissionais que promovam o envolvimento do pai, desde os primeiros tempos de vida.

5.2 Implicações para a Prática

O nosso estudo reforça a importância de se cuidar dos adultos (cuidadores) e do seu bem-estar, sem os quais dificilmente será possível um desenvolvimento saudável da criança. Esta ligação torna-se de especial interesse quando olhamos para a coparentalidade, uma variável do familiar que impacta o bem-estar dos pais (Campbell, 2023), o bem-estar das crianças e a qualidade e o grau de envolvimento do pai (Fosco & Grych, 2010; Wang et al., 2022).

Vêm, ainda, reforçar a importância de diversas políticas públicas em matéria de licenças e de direitos ao nível da parentalidade (Wall et al., 2019). Em Portugal tem-se assistido a crescentes mudanças a nível das políticas públicas que visam reforçar o envolvimento do pai na vida familiar, seja através de uma maior compensação monetária, ou através de um aumento do tempo de licença parental (Marinho et al., 2024), sendo que em 2024 a licença parental aumentou (Expresso, 2024). Em Portugal, os dados revelam um aumento gradual e significativo da adesão dos pais à licença parental exclusiva a estes (Marinho et al., 2024). Entre 2000 e 2022 a percentagem de pais que utilizavam os dias obrigatórios da sua licença parental subiu de 10.8% para 76.7% (Marinho et al., 2024). Estes dados refletem-se a nível internacional, sendo que um relatório da OCDE (2023) pontua que a licença parental gozada por parte dos pais (22.3 semanas) em Portugal é superior à média dos países da OCDE (10.4 semanas).

Estas políticas potencializam o envolvimento do pai nos cuidados à criança, assim como um maior equilíbrio trabalho-família (O'Brien & Wall, 2017) podendo, ainda, promover a aliança coparental e o suporte coparental nos primeiros meses de vida da criança, e diminuindo o impacto financeiro com a transição para a parentalidade. O direito de faltar ao trabalho para acompanhar os filhos menores vêm, também, promover uma maior participação do pai na parentalidade, assim como uma maior divisão de trabalho, podendo-se esperar que leve a um menor *stress* parental e um maior suporte coparental. Petts e Knoester (2020) verificaram que o tempo que os pais tiravam de licença parental estava positivamente associado à qualidade da sua aliança coparental 5 anos após o nascimento da criança.

As redes de suporte extrafamiliar são um exemplo de fatores que poderão reduzir o *stress* parental, sendo deveras importante criar redes de suporte ou grupos de suporte para pais, que possam trabalhar as suas especificidades na parentalidade, dado a literatura demonstrar que existem comportamentos parentais que são únicos e específicos aos pais (Cabrera et al., 2014; Cabrera & Volling, 2019). É então crucial criar redes de suporte específicas que irão auxiliar no entendimento da parentalidade e colocar o pai e a mãe num mesmo nível de importância na vida das crianças (Cabrera & Volling, 2019).

Estas redes de suporte poderão ser constituídas através de programas de intervenção que visam promover o envolvimento do pai. Estes programas, já desenvolvidos noutros países, como é exemplo dos Estados Unidos, abordam temas como o estabelecimento de uma relação de coparentalidade e o trabalho em capacidades e competências inerentes à parentalidade (Man 2 Man, 2024). Trabalham, ainda, as ideologias e estereótipos de género, a necessidade de um envolvimento emocional para com a criança e as diferentes etapas de desenvolvimento infantil (Focus on Fathers, 2024), e ainda conhecimentos acerca da importância do estabelecimento de relações saudáveis e de uma rede de suporte (Man 2 Man, 2024).

Os estudos que examinam a perceção do pai face a coparentalidade, *stress* parental e práticas parentais são escassos. Na nossa amostra, um maior suporte coparental está associado a práticas parentais de responsividade, via uma maior satisfação parental. Estes resultados contribuem para salientar a necessidade de se trabalhar as variáveis inerentes ao sistema parental, potencializando-se o bem estar dos pais e, consequentemente, o das crianças.

Referências

- Abidin, R. R. (1983). Parenting Stress Index: Manual, Administration Booklet,[and] Research Update.
- Aboim, S. (2010). Gender cultures and the division of labour in contemporary Europe: A cross-national perspective. *The Sociological Review*, 58(2), 171-196.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-954X.2010.01899.x>
- Algarvio, S., Leal, I., & Maroco, J. (2018). Parental stress scale: Validation study with a Portuguese population of parents of children from 3 to 10 years old. *Journal of Child Health Care*, 22(4), 563–576. <https://doi.org/10.1177/1367493518764337>
- Amâncio, L., & Santos, M. H. (2021). Gender equality and modernity in Portugal. An analysis on the obstacles to gender equality in highly qualified professions. *Social Sciences*, 10(5), 162.
- Anthony, L. G., Anthony, B. J., Glanville, D. N., Naiman, D. Q., Waanders, C., & Shaffer, S. (2005). The relationship between parenting stress, parenting behaviour and preschoolers' social competence and behaviour problems in the classroom. *Infant and Child Development*, 15(4), 133–154. <https://doi.org/10.1002/icd.385>
- Aranda, C. L. (2013). *An ecological investigation of contextual factors and cognitions that impact parental responsivity for low-income mothers of preschool-age children* (Doctoral dissertation, University of Oregon).
<https://scholarsbank.uoregon.edu/items/97703884-ada4-4cab-b5a3-a250eef84aae>
- Arsénio, C., & Santos, S. (2013). Paternidade na infância: Envolvimento paterno e estilos parentais educativos em pais de crianças em idade escolar. In A. Pereira et al. (Eds.), *VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 638-648). Associação Portuguesa de Psicologia.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75(1), 43–88.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 83–96. <https://doi.org/10.2307/1129836>
- Benzies, K. M., Harrison, M. J., & Magill-Evans, J. (2004). Parenting stress, marital quality, and child behavior problems at age 7 years. *Public Health Nursing*, 21(2), 111–121.
<https://doi.org/10.1111/j.0737-1209.2004.021204.x>

- Berry, J. O., & Jones, W. H. (1995). The Parental Stress Scale: Initial psychometric evidence. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12(3), 463–472. <https://doi.org/10.1177/0265407595123009>
- Bolger, N., DeLongis, A., Kessler, R. C., & Schilling, E. A. (1989). Effects of daily stress on negative mood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 808–818. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.5.808>
- Bronte-Tinkew, J., Horowitz, A., & Carrano, J. (2010). Aggravation and stress in parenting: Associations with coparenting and father engagement among resident fathers. *Journal of Family Issues*, 31(4), 525–555. <https://doi.org/10.1177/0192513X09340147>
- Bronfenbrenner, U. (2000). Ecological systems theory. In A. E. Kazdin (Ed.), *Encyclopedia of Psychology* (Vol. 3, pp. 129–133). Oxford University Press.
- Cabrera, N. J., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2014). The ecology of father-child relationships: An expanded model. *Journal of Family Theory & Review*, 6(4), 336–354. <https://doi.org/10.1111/jftr.12054>
- Cabrera, N., Tamis-LeMonda, C., Bradley, R., Hofferth, S., & Lamb, M. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71, 127-136. doi: 10.1111/1467-8624.00126 10.1111/1467-8624.00126
- Cabrera, N. J., Volling, B. L., & Barr, R. (2018). Fathers are parents, too! Widening the lens on parenting for children's development. *Child Development Perspectives*, 12(3), 152–157. <https://doi.org/10.1111/cdep.12275>
- Cabrera, N. J., Ryan, R., Shannon, J. D., Brooks-Gunn, J., Vogel, C., Raikes, H., & Tamis-LeMonda, C. S. (2004). Fathers in the early head start national research and evaluation study: How are they involved with their children?. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice About Men as Fathers*, 2, 5-30.
- Cabrera, N. J., & Volling, B. L. (2019). VIII. Moving research on fathering and children's development forward: Priorities and recommendations for the future. *Advancing research and measurement on fathering and children's development*, 84, 7-17. 10.1002/mono.12404
- Campbell, C. G. (2023). Two decades of coparenting research: a scoping review. *Marriage & Family Review*, 59(6), 379-411. <https://doi.org/10.1080/01494929.2022.2152520>
- Castillo, J. T, Welch, G., & Sarver, C. M. (2013). The relationship between disadvantaged fathers' employment stability, workplace flexibility, and involvement with their infant children. *Journal of Social Service Research*, 39, 380–396. <https://doi.org/10.1080/01488376.2013.775089>

- Chaudry, A., & Wimer, C. (2016). Poverty is not just an indicator: The relationship between income, poverty, and child well-being. *Academic Pediatrics, 16*(3), 23–29.
<https://doi.org/10.1016/j.acap.2015.12.010>
- Chen, B. B. (2020). The relationship between Chinese mothers' parenting stress and sibling relationships: A moderated mediation model of maternal warmth and co-parenting. *Early Child Development and Care, 190*(9), 1350-1358.
<https://doi.org/10.1080/03004430.2018.1536048>
- Chen, E., & Miller, G. E. (2013). Socioeconomic status and health: mediating and moderating factors. *Annual Review of Clinical Psychology, 9*, 723–749.
<https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185634>
- Choi, J. K., & Becher, E. H. (2019). Supportive coparenting, parenting stress, harsh parenting, and child behavior problems in nonmarital families. *Family Process, 58*(2), 404-417.
- Coleman, J. S. (1988). Social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology, 94*, S95-S120.
- Conger, R. D., & Donnellan, M. B. (2007). An interactionist perspective on the socioeconomic context of human development. *Annual Review of Psychology, 58*, 175–199. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.58.110405.085551>
- Conger, R. D., Wallace, L. E., Sun, Y., Simons, R. L., McLoyd, V. C., & Brody, G. H. (2002). Economic pressure in African American families: A replication and extension of the family stress model. *Developmental Psychology, 38*(2), 179–193.
- Costa, P., Garcia, I., Tasker, F., & Leal, I., (2020). Adaptação das versões completa e breve da Escala de Relação Coparental (ERC) em uma amostra comunitária de pais e mães portuguesas. *Revista PSICOLOGIA, 34*(1), 236-248.
<https://doi.org/10.17575/psicologia.v34i1.1598>
- Craig, L. (2006). Does father care mean fathers share? A comparison of how mothers and fathers in intact families spend time with children. *Gender & Society, 20*(2), 259-281.
<https://doi.org/10.1177/0891243205285212>
- Cummings, E. M., Merrilees, C. E., & George, M. W. (2010). Fathers, marriages, and families: Revisiting and updating the framework for fathering in family context. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 154–176). John Wiley & Sons, Inc.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin, 113*(3), 487–496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>

- Davis, E. F., Schoppe-Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., & Brown, G. L. (2009). The role of infant temperament in stability and change in coparenting across the first year of life. *Parenting, Science and Practice*, 9(1–2), 143–159.
<https://doi.org/10.1080/15295190802656836>
- Delvecchio, E., Sciandra, A., Finos, L., Mazzeschi, C., & Di Riso, D. (2015). The role of coparenting alliance as a mediator between trait anxiety, family system maladjustment, and parenting stress in a sample of non clinical italian parents. *Frontiers in Psychology*, 6, 1–8. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01177>
- Diniz, E., Brandão, T., Monteiro, L., & Verissimo, M. (2021). Father involvement during early childhood: A systematic review of the literature. *Journal of Family Theory & Review*, 13(1), 77–99. <https://doi.org/10.1111/jftr.12410>
- Durtschi, J. A., Soloski, K. L., & Kimmes, J. (2017). The dyadic effects of supportive coparenting and parental stress on relationship quality across the transition to parenthood. *Journal of Marital and Family Therapy*, 43(2), 308–321.
<https://doi.org/10.1111/jmft.12194>
- Eurostat (2020). *Labour Force Survey*. Available online: <https://ec.europa.eu/eurostat/web/lfs/data/database>
- Emery, R. E. (2012). *Renegotiating family relationships: Divorce, child custody, and mediation* (2nd ed.). Guilford Press
- Expresso. (2024, setembro 27). Parlamento aprova mais tempo de licença parental e pré-escolar a partir dos três anos. *Expresso online*.
<https://expresso.pt/sociedade/familia/2024-09-27-parlamento-aprova-mais-tempo-de-licenca-parental-e-pre-escolar-a-partir-dos-tres-anos-4533a25f>
- Fagan, J., & Lee, Y. (2014). Longitudinal associations among fathers' perception of coparenting, partner relationship quality, and paternal stress during early childhood. *Family Process*, 53(1), 80–96. <https://doi.org/10.1111/famp.12055>
- Fan, J., & Chen, B.-B. (2020). Parenting styles and coparenting in China: The role of parents and children's sibling status. *Current Psychology*, 39(5), 1505–1512.
<https://doi.org/10.1007/s12144-019-00379-7>
- Fang, Y., Boelens, M., Windhorst, D. A., Raat, H., & van Grieken, A. (2021). Factors associated with parenting self-efficacy: A systematic review. *Journal of Advanced Nursing*, 77(6), 2641–2661. <https://doi.org/10.1111/jan.14767>
- Fang, Y., Luo, J., Boele, M., Windhorst, D., van Grieken, A., & Raat, H. (2024). Parent, child, and situational factors associated with parenting stress: a systematic

- review. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 33(6), 1687–1705.
<https://doi.org/10.1007/s00787-022-02027-1>
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95–131. https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01
- Feinberg, M. E., Brown, L. D., & Kan, M. L. (2012). A multi-domain self-report measure of coparenting. *Parenting, Science and Practice*, 12(1), 1–21.
<https://doi.org/10.1080/15295192.2012.638870>
- Feinberg, M. E., & Kan, M. L. (2008). Establishing family foundations: intervention effects on coparenting, parent/infant well-being, and parent-child relations. *Journal of Family Psychology*, 22(2), 253–263. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.22.2.253>
- Feinberg, M. E., Kan, M. L., & Hetherington, E. M. (2007). The longitudinal influence of coparenting conflict of parental negativity and adolescent maladjustment. *Journal of Marriage and the Family*, 69, 687–702. doi:10.1111/j.1741-3737.2007.00400.
- Fletcher, R., StGeorge, J., & Freeman, E. (2013). Rough and tumble play quality: Theoretical foundations for a new measure of father–child interaction. *Early Child Development and Care*, 183(6), 746–759. <https://doi.org/10.1080/03004430.2012.723439>
- Focus on Fathers. (2024). Focus on fathers: Positive father-child engagement. *Public Health Management Corporation*. <https://focusonfathers.phmc.org/>
- Fosco, G. M., & Grych, J. H. (2010). Adolescent triangulation into parental conflicts: Longitudinal implications for appraisals and adolescent-parent relations. *Journal of Marriage and Family*, 72(2), 254–266. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00697.x>
- Gavita, O. A., David, D., & DiGiuseppe, R. (2014). You are such a bad child! Appraisals as mechanisms of parental negative and positive affect. *The Journal of General Psychology*, 141(2), 113–129. <https://doi.org/10.1080/00221309.2013.874971>
- Gelfand, D. M., Teti, D. M., & Radin Fox, C. E. (1992). Sources of parenting stress for depressed and nondepressed mothers of infants. *Journal of Clinical Child Psychology*, 21(3), 262–272. https://doi.org/10.1207/s15374424jccp2103_8
- Granner, J. R., Lee, S. J., Burns, J., Herrenkohl, T. I., Miller, A. L., & Seng, J. S. (2023). Childhood maltreatment history and trauma-specific predictors of parenting stress in new fathers. *Infant Mental Health Journal*, 44(6), 767–780.
<https://doi.org/10.1002/imhj.22084>

- Hadicharalambous, D. & Demetriou, L. (2021). Investigating the influences of parental stress on parents parenting practices. *International Journal of Science Academic Research*, 02(02), 1140-1148. <https://ssrn.com/abstract=3803831>
- Han, G., Alfredsson, E., Cox, L., & Psouni, E. (2023). Variation in coparenting quality in relation to child age: Links to coparents' relationship satisfaction and education. *Scandinavian Journal of Psychology*, 64(5), 632-643. <https://doi.org/10.1111/sjop.12915>
- Hoghugh, M., & Long, N. (2004). *Handbook of parenting: Theory and research for practice*. SAGE. <https://doi.org/10.4135/9781848608160>
- Hoffman, L. W. (2003). Methodological issues in the studies of SES, parenting, and child development. In M. H. Bornstein & R. H. Bradley (Eds.), *Socioeconomic Status, Parenting, and Child development* (pp. 125–143). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Hoff, E., & Laursen, B. (2019). Socioeconomic status and parenting. In *Handbook of parenting* (pp. 421-447). Routledge.
- Holden, G. W. (2010). *Parenting: a dynamic perspective*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Ishii-Kuntz, M. (2013). Work environment and Japanese fathers' involvement in child care. *Journal of Family Issues*, 34, 252–271. <https://doi.org/10.1177/0192513X12462363>
- Kang, S. K., Choi, H. J., & Chung, M. R. (2022). Coparenting and parenting stress of middle-class mothers during the first year: Bidirectional and unidirectional effects. *Journal of Family Studies*, 28(2), 551–568. <https://doi.org/10.1080/13229400.2020.1744472>
- Kato-Wallace, J., Barker, G., Eads, M., & Levitov, R. (2014). Global pathways to men's caregiving: Mixed methods findings from the International Men and Gender Equality Survey and the Men Who Care study. *Global Public Health*, 9, 706–722. <https://doi.org/10.1080/17441692.2014.921829>
- Keller, H., Borke, J., Yovsi, R., Lohaus, A., & Jensen, H. (2005). Cultural orientations and historical changes as predictors of parenting behaviour. *International Journal of Behavioral Development*, 29(3), 229-237. <https://doi.org/10.1080/01650250544000017>
- Kim, B.-R., & Teti, D. M. (2014). Maternal emotional availability during infant bedtime: An ecological framework. *Journal of Family Psychology*, 28(1), 1–11. <https://doi.org/10.1037/a0035157>
- Kitzmann, K. M. (2000). Effects of marital conflict on subsequent triadic family interactions and parenting. *Developmental Psychology*, 36(1), 3–13. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.36.1.3>

- Kulik, L., & Sadeh, I. (2015) Explaining fathers' involvement in childcare: An ecological approach. *Community, Work & Family*, 18, 19–40.
<https://doi.org/10.1080/13668803.2014.944483>
- Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A meta-analytic review. *Family Relations*, 49(1), 25–44. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2000.00025.x>
- Kuo, P. X., Volling, B. L., & Gonzalez, R. (2017). His, hers, or theirs? Coparenting after the birth of a second child. *Journal of Family Psychology*, 31(6), 710–720. <https://doi.org/10.1037/fam0000321>
- Kwon, K. A., & Elicker, J. G. (2012). The role of mothers' and fathers' parental control and coparenting in toddlers' compliance. *Early Education and Development*, 23(5), 748–765. <https://doi.org/10.1080/10409289.2011.588042>
- Jia, R., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2011). Relations between coparenting and father involvement in families with preschool-age children. *Developmental Psychology*, 47(1), 106–118. <https://doi.org/10.1037/a0020802>
- Lamela, D., Nunes-Costa, R., & Figueiredo, B. (2010). Theoretical models of coparenting relations: Critical review. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 205-216.
<https://doi.org/10.1590/S1413-73722010000100022>
- Lau, E. Y. H., & Power, T. G. (2020). Coparenting, parenting stress, and authoritative parenting among Hong Kong chinese mothers and fathers. *Parenting*, 20(3), 167–176.
<https://doi.org/10.1080/15295192.2019.1694831>
- Laxman, D. J., Jessee, A., Mangelsdorf, S. C., Rossmiller-Giesing, W., Brown, G. L., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2013). Stability and antecedents of coparenting quality: The role of parent personality and child temperament. *Infant Behavior and Development*, 36(2), 210-222.
- Le, Y., McDaniel, B. T., Leavitt, C. E., & Feinberg, M. E. (2016). Longitudinal associations between relationship quality and coparenting across the transition to parenthood: A dyadic perspective. *Journal of Family Psychology*, 30(8), 918–926. <https://doi.org/10.1037/fam0000217>
- Lee, J. Y., Volling, B. L., Lee, S. J., & Altschul, I. (2020). Longitudinal relations between coparenting and father engagement in low-income residential and nonresidential father families. *Journal of Family Psychology*, 34(2), 226–236.

- Leung, C., & Tsang, S. K. (2010). The chinese parental stress scale: Psychometric evidence using Rasch modeling on clinical and nonclinical samples. *Journal of personality assessment*, 92(1), 26–34. <https://doi.org/10.1080/00223890903379209>
- Lucassen, N., de Haan, A. D., Helmerhorst, K. O. W., & Keizer, R. (2021). Interrelated changes in parental stress, parenting, and coparenting across the onset of the COVID-19 pandemic. *Journal of Family Psychology*, 35(8), 1065–1076. <https://doi.org/10.1037/fam0000908>
- Masud, H., Thurasamy, R., & Ahmad, M. S. (2015). Parenting styles and academic achievement of young adolescents: A systematic literature review. *Quality & quantity*, 49, 2411–2433. <https://doi.org/10.1007/s11135-014-0120-x>
- Maccoby, E. (2000). Parenting and its effects on children: on reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology*, 51, 1–27
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the Context of the Family: Parent-Child Interaction. In P. H. Mussen, & E. M. Hetherington (Eds.), *Handbook of Child Psychology: Vol. 4. Socialization, Personality, and Social Development* (pp. 1–101). New York: Wiley.
- Man 2 Man. (2024). *Program curriculum*. South Carolina Center for Fathers and Families. <https://www.man2manfathers.com/what-we-do/program-curriculum/>
- Marinho, S., Atalaia, S., & Cunha, V. (2024). Mulheres, homens e vida familiar: a construção da igualdade no Portugal democrático.
- Marques, S. R., Casaca, S. F., & Arcanjo, M. (2021). Work–family articulation policies in Portugal and gender equality: Advances and challenges. *Social Sciences*, 10(4), 119. <https://doi.org/10.3390/socsci10040119>
- McDaniel, B. T., Teti, D. M., & Feinberg, M. E. (2018). Predicting coparenting quality in daily life in mothers and fathers. *Journal of Family Psychology*, 32(7), 904–914. <https://doi.org/10.1037/fam0000443>
- Merrifield, K. A., & Gamble, W. C. (2013). Associations among marital qualities, supportive and undermining coparenting, and parenting self-efficacy: Testing spillover and stress-buffering processes. *Journal of Family Issues*, 34(4), 510–533. <https://doi.org/10.1177/0192513X12445561>
- Mitchell, D. B., Szczerepa, A., & Hauser-Cram, P. (2016). Spilling over: Partner parenting stress as a predictor of family cohesion in parents of adolescents with developmental disabilities. *Research in Developmental Disabilities*, 49–50, 258–267. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2015.12.007>

- Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*. Routledge.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Torres, N., & Santos, C. (2017). Father's involvement and parenting styles in Portuguese families: The role of education and working hours. *Análise Psicológica*, 35, 513–528. <https://doi.org/10.14417/ap.1451>
- Monteiro, L., Torres, N., & Salinas-Quiroz, F. (2019). Preditores do envolvimento paterno numa amostra de famílias portuguesas. O papel das crenças parentais. *Suma Psicológica*, 26(2), 94-102. <https://doi.org/10.14349/sumapsi.2019.v26.n2.5>
- Morrill, M. I., Hines, D. A., Mahmood, S., & Córdova, J. V. (2010). Pathways between marriage and parenting for wives and husbands: the role of coparenting. *Family Process*, 49(1), 59–73. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2010.01308.x>
- Mortensen, J. A., & Barnett, M. A. (2015). Risk and protective factors, parenting stress, and harsh parenting in mexican origin mothers with toddlers. *Marriage & Family Review*, 51(1), 1–21. <https://doi.org/10.1080/01494929.2014.955937>
- National Research Council (US) and Institute of Medicine (US) Committee on Integrating the Science of Early Childhood Development, Shonkoff, J. P., & Phillips, D. A. (Eds.). (2000). *From Neurons to Neighborhoods: The Science of Early Childhood Development*. National Academies Press (US).
- Neppl, T. K., Senia, J. M., & Donnellan, M. B. (2016). Effects of economic hardship: Testing the family stress model over time. *Journal of Family Psychology*, 30(1), 12–21. <https://doi.org/10.1037/fam0000168>
- Nordahl, K., Zambrana, I., & Forgatch, M. (2016). Risk and protective factors related to fathers' positive involvement and negative reinforcement with 1-year-olds. *Parenting*, 16, 1–21. <https://doi.org/10.1080/15295192.2016.1116891>
- O'Brien, M., & Wall, K. (2017). *Comparative perspectives on work-life balance and gender equality: Fathers on leave alone*. Springer Nature.
- OECD (2023), *OECD Economic Surveys: Portugal 2023*, OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/2b8ee40a-en>.
- ONU/UNICEF (1990). Convenção sobre os Direitos da Criança. http://www.unicef.pt/doc/pdf_pub/convencao_direitos_crianca2004.pdf.
- Palkovitz, R., & Hull, J. (2018). Toward a resource theory of fathering. *Journal of Family Theory & Review*, 10(1), 181–198. <https://doi.org/10.1111/jftr.12239>
- Palkovitz, R., & Hull, J. (2018). Toward a resource theory of fathering. *Journal of Family Theory & Review*, 10(1), 181-198. <https://doi.org/10.1111/jftr.12239>

- Paulhus, D. L., & Vazire, S. (2007). The self-report method. *Handbook of research methods in personality psychology*, 1(2007), 224-239. The Guilford Press.
- Petts, R. J., & Knoester, C. (2020). Are parental relationships improved if fathers take time off of work after the birth of a child? *Social Forces*, 98(3), 1223–1256.
<https://doi.org/10.1093/sf/soz014>
- Reader, P., Duncan, S., & Lucey, C. (2005). *Studies in the assessment of parenting*.
- Ribeiro, O., Guedes, M., Veríssimo, M., Rubin, K., & Santos, A. J. (2021). Multidimensional factor structure of the modified child rearing practices report questionnaire (CRPR-Q) in a sample of Portuguese mothers: A bifactor approach. *Análise Psicológica*, 39(2), 299-311. <https://doi.org/10.14417/ap.1688>
- Riina, E. M., & McHale, S. M. (2012). The trajectory of coparenting satisfaction in African American families: The impact of sociocultural stressors and supports. *Journal of Family Psychology*, 26(6), 896–905. <https://doi.org/10.1037/a0030055>
- Santos, C., Monteiro, L., Torres, N., & Tereno, S. (2021). Implication paternelle chez des enfants d'âge préscolaire. Contributions des styles parentaux et de l'affectivité négative de l'enfant. *Devenir*, 33(3), 221-240. doi: 10.3917/dev.213.0221
- Santos, C., Monteiro, L., & Torres, N. (2022). The role of child's age, sex, and temperament in father involvement during the pre-school years. *Children*, 9(9), 1327.
<https://doi.org/10.3390/children9091327>
- Santos, C., & Monteiro, L. (2023). Caracterização de perfis de envolvimento do pai em atividades de cuidados e brincadeira em famílias nucleares, com crianças em idade pré-escolar. In E. Magalhães, L. Monteiro, & M. M. Calheiros (Eds.), *Crianças em risco e perigo. Contextos, investigação e intervenção* (Vol. VI) (pp. 41-62). Edições Sílabo.
- Schoppe-Sullivan, S. J., Settle, T., Lee, J.-K., & Kamp Dush, C. M. (2016). Supportive coparenting relationships as a haven of psychological safety at the transition to parenthood. *Research in Human Development*, 13(1), 32–48.
<https://doi.org/10.1080/15427609.2016.1141281>
- Shim, S. Y., & Lim, S. A. (2019). Paternal self-efficacy, fathering, and children's behavioral problems in Korea. *Journal of Child and Family Studies*, 28, 851-859.
<https://doi.org/10.1007/s10826-018-01310-7>
- Straus, M. A., and Stewart, J. H. (1999). Corporal punishment by American parents: National data on prevalence, chronicity, severity, and duration, in relation to child and family characteristics. *Child and Family Psychology Review*, 2, 55–70.
<https://doi.org/10.1023/a:1021891529770>

- Stright, A. D., & Bales, S. S. (2003). Coparenting quality: Contributions of child and parent characteristics. *Family Relations*, 52(3), 232-240. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2003.00232.x>
- Speer, S. R., Park, I. Y., & Bellamy, J. L. (2024). Fathering dynamics: Linking depressive symptomology, parenting stress, and paternal warmth with beliefs in paternal role. *Journal of Family Psychology*, 38(5), 808-819. <https://doi.org/10.1037/fam0001226>
- Solmeyer, A. R., & Feinberg, M. E. (2011). Mother and father adjustment during early parenthood: the roles of infant temperament and coparenting relationship quality. *Infant behavior & development*, 34(4), 504–514. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2011.07.006>
- Scott, J. K., Nelson, J. A., & Dix, T. (2018). Interdependence among mothers, fathers, and children from early to middle childhood: Parents' sensitivity and children's externalizing behavior. *Developmental Psychology*, 54(8), 1528–1541. <https://doi.org/10.1037/dev0000525>
- Pedro, M. F., Ribeiro, T., & Shelton, K. H. (2013). Marital satisfaction and partners' parenting practices: the mediating role of coparenting behavior. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 509–522. <https://doi.org/10.1037/a0029121>
- Pedro, M. F., Carapito, E., & Ribeiro, T. (2015). Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Versão portuguesa de autorrelato. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 28, 302-312. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528210>
- Pleck, J. H. (2010). Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 58-93). John Wiley & Sons, Inc.
- Taraban, L., & Shaw, D. S. (2018). Parenting in context: Revisiting Belsky's classic process of parenting model in early childhood. *Developmental Review*, 48, 55–81. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2018.03.006>
- Tokunaga, A., Iwanaga, R., Yamanishi, Y., Higashionna, T., Tanaka, K., Nakane, H., & Tanaka, G. (2019). Relationship between parenting stress and children's behavioral characteristics in Japan. *Pediatrics international : Official Journal of the Japan Pediatric Society*, 61(7), 652–657. <https://doi.org/10.1111/ped.13876>
- Turgeon, J., Lonergan, M., Bureau, J.-F., Schoppe-Sullivan, S. J., & Lafontaine, M.-F. (2023). Parenting stress, general distress, and coparenting quality: An actor–partner interdependence moderation model. *Personal Relationships*, 30(3), 1117–1134. <https://doi.org/10.1111/pere.12498>

- Van Egeren, L. A. (2004). The development of the coparenting relationship over the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal*, 25(5), 453–477. <https://doi.org/10.1002/imhj.20019>
- Van Egeren, L. A., & Hawkins, D. P. (2004). Coming to terms with coparenting: Implications of definition and measurement. *Journal of Adult Development*, 11(3), 165–178. <https://doi.org/10.1023/B:JADE.0000035625.74672.0b>
- Van Holland De Graaf, J., Hoogenboom, M., De Roos, S., & Bucx, F. (2018). Socio-demographic correlates of fathers' and mothers' parenting behaviors. *Journal of Child and Family Studies*, 27(7), 2315–2327. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1059-7>
- Venning, A., Herd, M. C., Smith, D. P., Lawn, S. J., Mohammadi, L., Glover, F., ... & Quartermain, V. (2021). “I felt like less than a shadow in the room”: Systematic review of the experiences and needs of new fathers. *Psychology of Men & Masculinities*, 22(1), 135. <http://dx.doi.org/10.1037/men0000269>
- Yaffe, Y. (2023). Systematic review of the differences between mothers and fathers in parenting styles and practices. *Current Psychology*, 42(19), 16011-16024. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-01014-6>
- Yu, Y. (2023). Factors contributing to coparenting quality: Characteristics at the individual level and the relational level. *Psychology, Health & Medicine*, 28(5), 1115-1125. <https://doi.org/10.1080/13548506.2021.1995885>.

